

AUTOR MISTÉRIO: SENSACIONAIS REVELAÇÕES SOBRE

CARLOS ZÉFIRO

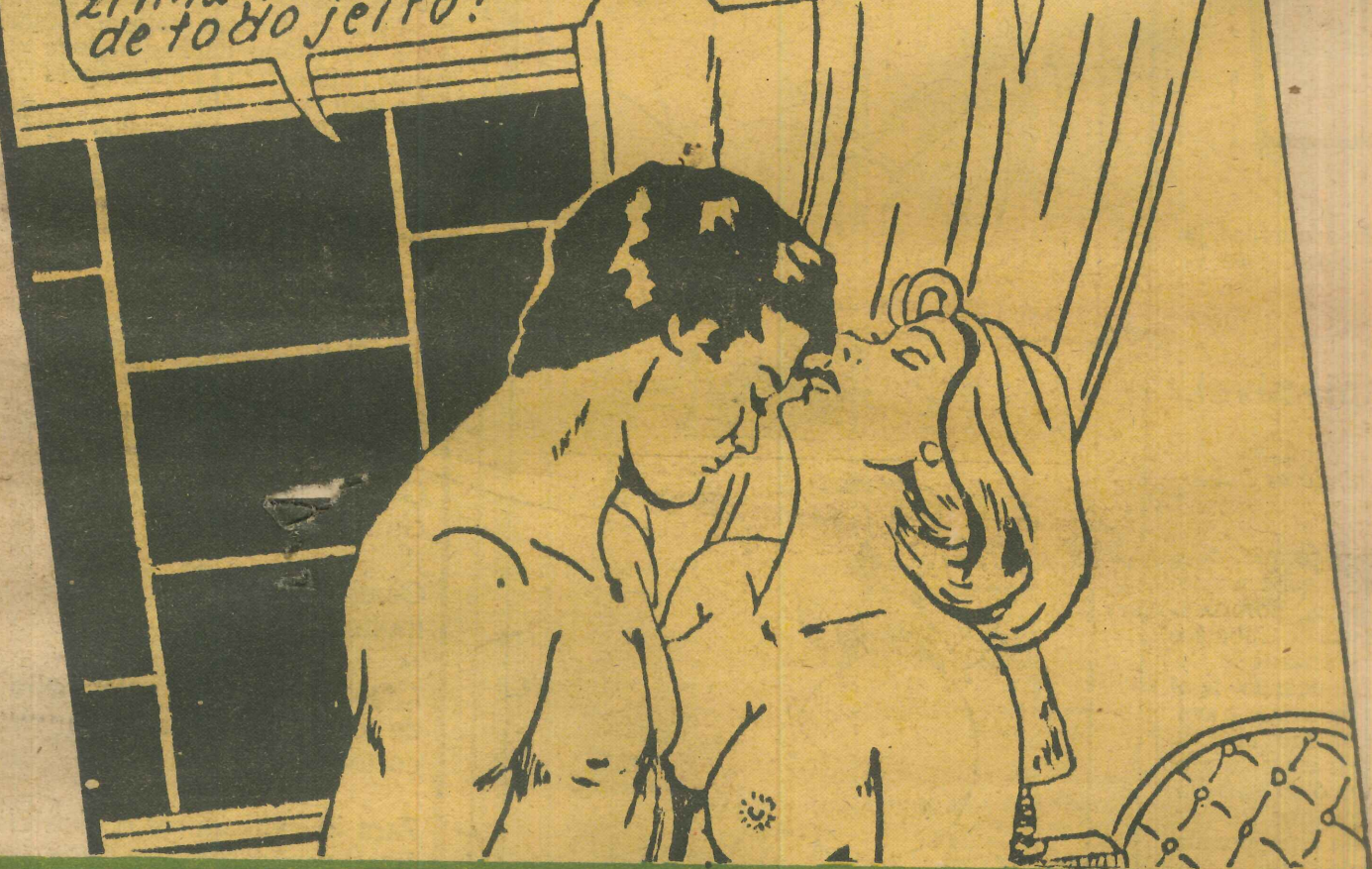
O DAS REVISTINHAS DE SACANAGEM!



DEPOIS DA CONFISSÃO RESOLVI APRESSAR O NOSSO CASAMENTO. DEPOIS DAS BODAS, JA NO NOSSO QUARTO COMEÇAMOS AS CARICIAS.

Agora, que você já é minha mulherzinha vamos gozar de todo jeito!

Vamos sim, querido... este teu negócio me dá tanto prazer!

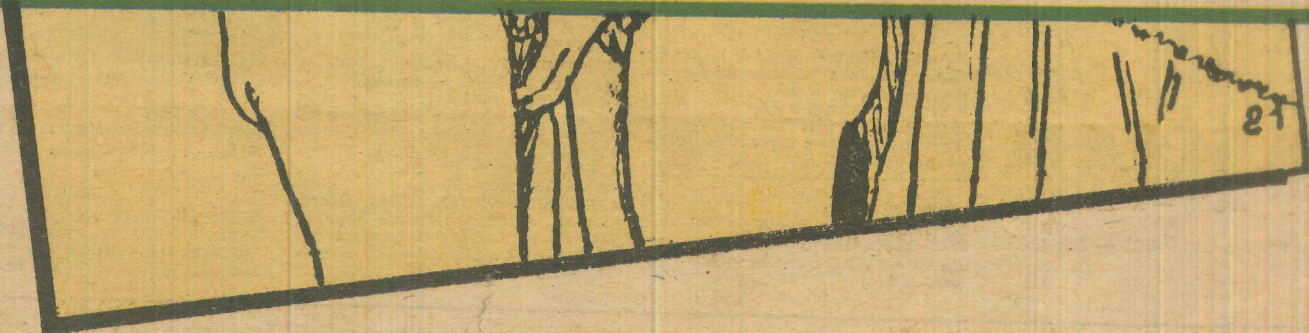


A QUANTAS ANDA O BOOM DA INDÚSTRIA PORNÔ?
PAG 14

PASQUIM

Breve, ZÉFIRO vendido escancaradamente nas bancas!

Ano XV — Nº 750 — Rio, de 10/11 a 16/11/1983 — Cr\$ 400,00



EXCLUSIVO!

Entrevista com o
testa-de-ferro de
Carlos

Zéfiro

Senhoras e senhores, o Pasquim passa a entrevistar duas figuras da maior importância na Literatura Erótica Brasileira: Eduardo Barbosa, desenhista e autor de inolvidáveis historinhas, e Hélio, fiel amigo e bastante procurador do legendário Carlos Zéfiro, o responsável por inúmeras ereções da minha geração. Hélio inclusive é quem teve que enfrentar todos os processos levantados contra o Zéfiro, que — como o americano B. Traven, (autor de “O Tesouro da Sierra Madre”, — ninguém sabe quem é, embora seu traço clássico seja imediatamente reconhecível. Mais tarde, os originais do Zéfiro serão disputados pelos colecionadores como obras importantes do nosso século. (Jaguar)



Jaguar — Você foi o Dr. Frankenstein do Zéfiro, né. Como foi que você criou esse monstro sagrado do erotismo?

HELIO — Precisávamos de uma pessoa que não pudesse ser identificada por um traço característico, que não fosse do ramo de desenhista. Até que surgiu o Zéfiro que, com muita força de vontade, pegava as fotos da Editora Mex e copiava por cima.

Jaguar — Você escrevia os enredos e ele desenhava?

HELIO — Fazíamos junto, conversando, discutindo, lendo livros de Casanova, “Lua de Mel a Quatro”, “Éramos três”... Cada livreto era feito de forma devagar, tomando cuidado pra não ser tão chocante quanto os outros. Além de não usar palavras de baixo calão, escrevíamos todo um enredo pra começar o namoro, e só depois da oitava página é que a barra pesava.

Jaguar — O resultado era que o pessoal lia a partir da oitava página.

HELIO — E no fim sempre dava um fundo moral, feliz.

Jaguar — Moral? Todo mundo comia todo mundo e ficava numa boa!

HELIO — Não, muitos casavam.

Jaguar — A vida de vocês se identificava com essas histórias?

HELIO — (ri) Não, nossa inspiração era a falta de dinheiro.

Jaguar — Vocês não eram de sacanagem?

HELIO — Nada, nada.

Jaguar — São então o que os psiquiatras chamam hoje de “fantasias sexuais”?

HELIO — Não, era mais uma criação à parte.

Jaguar — Ah, mas a gente que lia queria que aquilo acontecesse conosco! Como era a execução de uma história?

HELIO — Eu tinha alguma prática de gráfica, e por intermédio de amigos conseguia a impressão. A distribuição era clandestina, feita individualmente, de banca em banca. Pegava a Av. Copacabana, ia até o fim, depois voltava pela outra calçada.

“TODOS OS RAPAZES DA CIDADE ESTAVAM APANHADOS POR ELA, MAS O MAIS GAMADO ERA EU. NÃO JAMAIS DE PERTO DELA.”



Jaguar — A gente ia comprar no maior mistério, o jornalista pegava lá debaixo das revistas sérias, a gente escondia na camisa e corria pro banheiro pra ler. E, evidentemente, render homenagem a Onan. Dava muito problema com a cana? Como foi que vocês chegaram a ser processados?

HELIO — Deduraram. Um outro grupo pegou um repórter de polícia da Última Hora para apurar quem tava fazendo essas revistas.

Jaguar — A reportagem policial gosta muito de compactuar com tudo e depois dar uma de defensor da moralidade pública.

HELIO — Graças a Deus, nunca fui condenado. Ia detido, pagava fiança e vinha embora. Depois era absolvido. Todo mundo gostava das histórias. A polícia vinha me procurar: “Já saiu alguma aí”?

Jaguar — Polícia também é gente

HELIO — O problema maior era com a concorrência. Uma guerra fria! A gente fazia e eles copiavam. Em 70, tinha tanta corrente fazendo — Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Curitiba, — que resolvi parar. Derramaram toneladas de revistas em Brasília, e veio uma ordem lá do alto pra eu parar.

Jaguar — Alguma mulher de general deve ter pego o filho lendo. Ou então o marido.

HELIO — Se a revista do Carlos Zéfiro nunca foi chocante, a dos outros era, o que atrapalhava a linha da revista do Zéfiro era apenas o sexo.

Jaguar — O Eduardo estava me mostrando os originais de uma história que vai

mandar pra França. Como começou a sua carreira?

EDUARDO — Com o Tico-Tico. Mandeí minha primeira historinha pra lá e foi publicada. Ai fui pra revista Rataplan, do Louzard, pro Suplemento Juvenil, com Celso Barroso, Fernando Dias da Silva, Antonio Eusébio, Hugo Winkelman... Trabalhei no Globo Juvenil, com Djalma Sampaio, que fazia “O Ouvinte Desconhecido”, crítica de rádio. Desenhava esparsamente pra revista Estrela, do Jornal do Brasil. Um dia estava bebendo no Café Nice uma água de coco com uisquinho, e me apareceu um amigo, tesoureiro do Diário Carioca, que me levou pra lá. A diagramação era uma profissão nova que estava nascendo, com o Guevara. Como eu tinha estudado Arquitetura, “projetava” as páginas de jornal como se projetasse a fachada de um edifício.

Jaguar — Qual era a turma do Diário?

EDUARDO — Dantom Jobim, Pompeu de Souza — o Porco que Ri — Luis Paulistano, Wilson “Charuto” de Oliveira, Prudente de Moraes, com quem aprendi a beber bagaceira. Foi Prudente de Moraes que me botou no mundo das mulatas e das crioulas. A redação do jornal tinha mesa cativa no Estudantina. Nesse jornal criei o “Crime do Dia”, a reconstrução através do desenho, escrevendo uma matéria sem fotos. Mantive isso durante dois anos, até que uns bandidos da Bahia invadiram um convento, dançaram com as freiras, fiz a ilustração disso, e o Cardeal do Rio mandou uma carta pro Macedo Soares dizendo que eu estava querendo desmoralizar a religião. Veio a ordem pra parar. Fui pra

PASQUIM

Tribuna da Imprensa, que tava sendo fundada por Carlos Lacerda. Híscar de Castro, Campos Pereira e Wilson Charuto foram comigo. De lá fui pra *Última Hora*, onde conheci Nássara e Paulo Silveira, Moacir Werneck, Octávio Malta, Lan, Nelson Rodrigues... Samuel tinha umas idéias malucas: "Vamos publicar '1984' aqui, diariamente, e você vai ilustrar!" Fazia todo dia uma ilustração do livro de George Orwell! Me perturbavam muito por causa da minha barba, que ninguém usava mais naquela época.

Jaguar — Hoje voltaram a usar, e você tirou.

EDUARDO — Lan me botava nas charges dele. Nelson Rodrigues escrevia: "Barbosa, o barbado tarado".

Jaguar — Naquele tempo, quem gostava de mulher já era considerado tarado.

EDUARDO — Tinha muita "franguinha de leite"... Nássara era meu amigo de beber. Uma vez, perto do carnaval, fizeram um concurso de marchas carnavalescas, e o Nássara ficou: "Pô, Barbado, preciso ganhar uma grana, tenho que fazer uma marchinha"... Aí, na mesa do bar mesmo, tirou uma caixinha de fósforo e bateu: "Mamãe eu não quero/ não quero trabalhar de sol a sol/ quero ser cantor de rádio/ ou então jogador de futebol". Isso era à uma hora da manhã. "Vamos acordar Ciro Monteiro pra mostrar essa música!" Fomos acordar o Formigão, que morava em cima de uma garagem no Catete. Chamamos, chamamos, até que ele desceu, cheio de sono. "Tenho uma marcha pra gente ganhar muito dinheiro!" E cantou. O Ciro disse: "Esta merda é capaz de dar", gravou, e fez sucesso.

Jaguar — Quando você passou a fazer quadrinhos eróticos?

EDUARDO — Calma. Na fase da *Tribuna*, eu tinha uma revista chamada *Bamba*, onde desenhava lendas e condensações de livros. Adaptei praticamente todos os clássicos da literatura infantil. Aí fui ser diretor de arte do *Sesinho*.

Jaguar — Onde começaram Ziraldo e Fortuna.

EDUARDO — É, um dia apareceu lá o Ziraldo, com uma pasta debaixo do braço. "Trabalho lá em Minas, sou balconista de uma loja de roupa, mas gosto mesmo é de desenhar. Nas horas vagas, eu desenho. Quero ser um desenhista igual a Alex Raymond." Me mostrou uma história chamada "Tim e Tom na Pré-História". Olhei, e tal, e aceitei. Pagavam Cr\$ 50 por página.

Jaguar — Uma grana pra época.

EDUARDO — Ziraldo largou de ser balconista pra ser desenhista. Fortuna chegou do Maranhão com uma bolsa de estudos, com Luís Albuquerque, mas nenhum dos dois recebia a bolsa. Fortuna passou a fazer uma página de charges muito inteligentes. Luís criou "Janjão, o Marinheiro". Eu fazia as lendas brasileiras que Vicente Guimarães escrevia. Me dava muito trabalho, botava girafa e elefante em lenda brasileira, e eu tinha que tirar. Dona Maria, prima do Brigadeiro Eduardo Gomes, traduzia do francês algumas fábulas que Vicente também adaptava. Um dia eu



PASQUIM

quis fazer um personagem que entrasse na História do Brasil e fosse contando os acontecimentos, mas Vicente disse que não tinha espaço, só que estava me tirando da jogada pra botar o João Bolinha. Me aporrinhei e saí do *Sesinho*. Voltei pra jornal, desenhando paralelamente pro Aizen, na Ebal, fazendo histórias religiosas que não assinava, para conseguir o *nihil obstat* do Cardeal. Fazia a história de Nossa Senhora da Penha, de Bom Jesus da Lapa, inventava milagres...

Jaguar — Como foi que você passou da religião pra sacanagem?

EDUARDO — Certa época, resolvi deixar os quadrinhos pra me dedicar ao jornalismo, mas apareceu o Hélio...

Jaguar — É um aliciador de desenhistas!

EDUARDO — A primeira que fiz, por ocasião da ida do homem à Lua, foi "Waldir, o Astronauta", baseado num amigo que gostava de umas mulatinhas. Waldir foi o primeiro brasileiro a ir à Lua!

Jaguar — Qual foi seu livro que mais vendeu?

EDUARDO — "O Casamento de Marlene".

Jaguar — Eu estava presente nesse casamento. Foi no Lido, com Maurício de Paiva, e saiu uma pancadaria! Era garrafa pra todo lado! Foi muito divertido.

EDUARDO — Outra famosa foi "As Três Cabras de Lampião".

Zé Andrade — Eram as cabritas que Lampião comia.

EDUARDO — Ele tinha ciúme das cabras. Quando Dinah Silveira de Queiroz lançou o sucesso "Floradas na Serra", fiz "Defloradas na Serra". Quando Roberto Carlos lançou "A História de um Homem Mau", fiz também "A História de um Homem Mau", em cima de um sujeito que me sacaneou.

Zé Andrade — Com o mesmo nome?

EDUARDO — Trocava uma letra, e tal. Muita gente famosa entrava nas histórias, como, por exemplo, o Tenório Cavalcanti.

Jaguar — Hélio, quer dizer que você não editava só o Carlos Zéfiro, né.

HELIO — A gente comprava muitos desenhos de pessoas que não diziam quem era, só mandavam os originais, e saudações polares.

EDUARDO — Pessoal de Nilópolis, de Bonsucesso, do Rio Grande do Sul, de Pernambuco, que penso ser do Watson... Não há um desenhista nacional que não tenha feito história dessas.

Zé Andrade — O Zéfiro ficou porque foi realmente quem produziu mais.

EDUARDO — Não tive uma produção maior porque não me dediquei só a isso, escrevi livros, escrevi um roteiro de filme pro Massaini, "Lampião, Rei do Cangaco", que mudaram muito, além de levar a fatia boa da grana. O livro vendeu sete ou oito edições pela Edições de Ouro e só recebi a grana da primeira.

Jaguar — Você agora tá morando na Bahia, né.

Zé Andrade — Onde ficou amigo do Hugo Pratt e do Gerard Lausier.

EDUARDO — Morávamos num ponto lindo de Itaparica, chamado Berlinque, praia sem civilização, tudo de fitô, luz de vela. Lausier tomava cada pau homérico, tinha que ser carregado pra casa, com a mulher e tudo. Quando chegou a luz elétrica, bagunçou, houve uma invasão, e ele mudou-se pra Salvador. Eu procurei outro local lá pro lado de Nazaré das Farinhas.

Zé Andrade — O Eduardo fez uma revolução gráfica no jornalismo baiano.

EDUARDO — Fui lá pra reformar o *Diário de Notícias*, depois reformei o *Jornal da Bahia*... Fui pra ficar três meses e fiquei onze anos.

Jaguar — Você está acompanhando essa movimentação atual em torno do quadrinho brasileiro?

EDUARDO — No tempo do João Goulart, fizemos uma reunião no MEC para uma luta semelhante. Paschoal Carlos Magno era diretor do departamento que organizava isso. Fui o relator. Entreguei nosso projeto, baseado nas leis peronistas, a um senador, Aarão Steinbruek, que sumiu com os originais. Mas a King Features chegou a me procurar com um contrato recebendo em dólar caso eu parasse. Não

quis, por meu ideal de nacionalizar a história em quadrinhos, e me dei mal, porque muitos aceitaram.

Jaguar — E agora, no que vai dar isso?

EDUARDO — Obrigando as editoras a nacionalizar, elas vão acabar com as revistas. A Abril está demitindo vários desenhistas e roteiristas. A Vecchi só ficou com os italianos. Pra Ebal só interessam livros, não fica nem com Tarzan, Superman e Batman.

Jaguar — Batman vai pro Asilo dos Artistas, e o Robin pra Galeria Alaska.

EDUARDO — As únicas revistas nacionais que estão se mantendo, mais ou menos, são as do Zala, de terror, como "Calafrio", que não dão o suficiente pra pagar realmente.

Jaguar — Você também escreveu muitas histórias americanas, né?

EDUARDO — Fiz o Fantasma, pra Rio Gráfica, com texto de Moisés Weltman. Sozinho, fiz o Reizinho, de Otto Soglow. Do mesmo Soglow, fiz o Cavaleiro Negro, que depois passei a assinar. Parei de fazer O Reizinho quando fiz uma paródia do Hino Nacional, e a Rio Gráfica recusou, dizendo que era plágio. Respon-di: "Avisar a essa besta quadrada que plágio é uma coisa, paródia é outra".

Jaguar — Como era a letra?

EDUARDO — "Ouviram dos morangos as delícias/ o cozinheiro gordo e barrigudo..." E tinha assim: "Dos morangos/ a qualidade/ vive sempre em nosso peito..."

Jaguar — Hélio, você não pode dar nem uma pala sobre a profissão do Zéfiro: engenheiro, Ministro da Fazenda, diretor da Petrobrás, jornalista...?

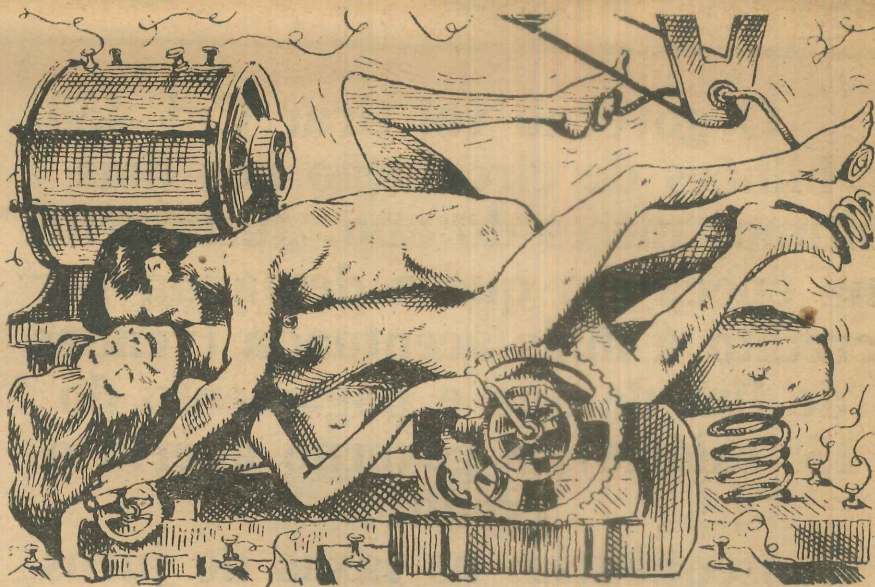
HELIO — Não compare o Zéfiro com o Delfim Neto! São duas pragas que houveram no Brasil: Pedro Álvares Cabral, que começou, e Delfim Neto, que quer acabar!

Jaguar — Muita gente acha que o Zéfiro não existe, ou que, pelo menos, o fato dele não aparecer permite que possam piratear na maior tranquilidade. Até a Homem tá publicando "histórias do Zéfiro".

HELIO — Muita gente dá o Zéfiro como morto. Não, ele existe, tá vivo, acaba de me entregar duas histórias. É que prefere continuar oculto, fazendo a sua gozação com essa sociedade porca que tá, com quem faz muita sacanagem e é metido a santarrão.

Jaguar — Sacanagem é melhor que rasgar a Constituição.

Isso aí é pinto perto do que Zéfiro vai mostrar!!!



A revistinha de sacanagem que a Codecri vai lançar, além de uma história inédita do legendário Carlos Zéfiro, tem Jaguar, Reinaldo, Fausto Wolff, Teresa Marques, Aldir Blanc y otras cositas más, como um poster pomô do Sig de brinde para os ávidos leitores. Aguardem, aguardem! Erotismo a brasileira na pressao! Breve nas bancas.